

# Fé e vocação

Ir. Soledade



Nasci numa família simples, em Paripiranga, interior da Bahia, a quarta filha dos dez filhos de meus pais: Mauricio Batista Freire e Maria dos Santos Freire. Tive uma infância muito feliz, brinquei muito com meus irmãos, primas e vizinhos. Com apenas um mês de idade tive a graça de receber a semente da fé pelo Sacramento do Batismo, realizado na Paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio em Paripiranga - BA. Esta semente foi cultivada no berço da minha família, a partir da devoção da oração do terço, das novenas, missas, catecismo. O tempo mais forte era a Quaresma, pois mamãe reunia todos nós à noite para a oração do terço. Cresci participando das devoções populares como novenas, via sacra e procissões. Como morava no sítio, distante da cidade, só participava da missa da festa da Padroeira, da “missa do Galo”, na noite de Natal e outras ocasiões esporádicas. O sacramento do Crisma, recebi ainda criança numa Santa Missão Popular na capela de São Luiz Gonzaga na localidade de Francisco Alves – SE. Fiz minha Primeira Comunhão aos 11 anos de idade, para preparar-me para este momento feliz de minha vida de fé. Andava mais de 6 km com minhas primas para o pequeno povoado de Brinquinho - SE, no domingo à tarde. Sempre gostava dos eventos da igreja, das novenas, via sacra, ceias. Meu avô paterno tinha um conjunto de Pífanos. Nas novenas ele saía com seu grupo tocando canções populares e hinos religiosos pelas casas vizinhas, àquela que celebrava o santo de sua devoção como Santa Luzia, São José, Santo

Antônio, Senhora Santana, Todos os Santos. Minhas tias eram rezadeiras de novenas.

Abril de 1984 foi o grande marco em minha vida de fé. Particpei do Cursilho de Cristandade na Diocese de Paulo Afonso – BA. Desde o primeiro momento fiquei encantada com tudo que ia acontecendo, uma acolhida calorosa e animada da equipe, com cantos que envolviam a todos. Tudo era novidade para mim, o local do encontro, muito bem arrumado com cartazes e os temas que seriam abordados no decorrer daqueles três dias. Cada dia encontrávamos cartões de mensagens na mesa das refeições, até nos quartos! Tudo era muito apaixonante. Principalmente, descobri que Jesus caminha comigo, que está sempre ao meu lado, que conta sempre conosco para continuar sua missão na construção do reino, tendo um olhar especial para os mais esquecidos, os pobres... Porém, o que mais me marcou foi a reflexão sobre a Fé, a qual associei ao processo do desabrochar de um botão de rosa que me chamou a atenção no primeiro instante que a vi, ao passar para a celebração da missa na capela. Cada dia que passava por ele, observava o seu desenvolvimento e para minha surpresa, no terceiro dia, ao terminar a missa de encerramento e envio dos novos Decolores, ao olhar a roseira, aquele botão havia dado lugar a uma bela rosa. Aos poucos, fui procurando apreender as lições do “meu botão de rosa”, o quanto ele me ensinou naqueles dias, ele me revelou que a fé é um processo, que vai desenvolvendo-se aos poucos, a cada dia, até crescer, desabrochar e amadurecer. Isso vai depender do cultivo a partir de uma vida de oração, da abertura de coração aos apelos de Deus. Ainda hoje ele revela-me coisas novas.

A partir dessa experiência, no final da celebração de encerramento e envio, ao receber um pequeno crucifixo e ouvir o Padre dizer “Cristo conta com você” e ao responder “e eu com sua graça”, senti que algo novo acontecia dentro de mim. Após aqueles três dias eu já não era mais a mesma. A partir dessa forte experiência, parafraseando São Paulo, podia dizer que “a graça de Deus em mim não foi inútil”<sup>1</sup> (I Cor 15,10)

Voltei apaixonada pela Igreja, maravilhada com tudo que descobri e tudo que eu mais desejava era conhecê-la melhor, mergulhar profundamente neste mar de amor, participar na sua missão. Tudo que o Movimento de Cursilho e a diocese

ofereciam, seminários de Catequese, encontros de aprofundamento, lá estava eu bebendo daquela fonte de água viva.

Entre abril e novembro do ano 1984, participei ativamente dos encontros promovidos pela Pastoral da Juventude, Movimento de Cursilho, Pastoral da Catequese, Pastoral Rural, e a Assembleia Pastoral da Diocese de Paulo Afonso. Durante este período, tive a oportunidade de conhecer algumas Irmãs das diversas Congregações presentes na Diocese.

Em janeiro de 1985, fui convidada a participar dum retiro para jovens na Comunidade de Taizé, em Alagoinhas – BA. Ao partilhar minha experiência de vida com o pregador do retiro, Frei Angelino Feitosa Caio, ofm, fui questionada por ele quanto à vocação à vida religiosa. Foi a gota d'água: sai de lá totalmente mexida, até aquele momento não tinha pensado nesta possibilidade...

Em julho daquele mesmo ano, tive a oportunidade de participar de uma formação para catequistas. Este curso foi ministrado por Irmã Maria Consolata de Carvalho, rsss, e Ir Maria de Lourdes Andrade, rsss, duas Irmãs Sacramentinas. Num final de semana, Irmã Consolata convidou algumas jovens para um pequeno encontro cujo tema seria falar sobre vocação religiosa. Lá estava eu, encantada com a presença das irmãs e o testemunho de vida de ambas. Apesar da minha timidez, eu ficava muito interessada para conhecer mais sobre a vida religiosa. Então, Irmã Consolata me convidou para participar do Congresso Vocacional em Salvador, que seria no mês de agosto. Sem perder tempo, lá estava eu. Até então, ainda não tinha clareza sobre a vocação, porém os sinais eram bem visíveis para uma animadora vocacional. Voltei deste congresso consciente da vocação e aberta para o acompanhamento vocacional, que aconteceu através de troca de correspondências com a mestra de noviças Sacramentina, Irmã Maria Leolina, e com Irmã Rita Angélica e Irmã Consolata.

Em janeiro de 1986, mais uma vez estava de volta à Alagoinhas para mais um retiro de jovens. Mais um momento de bênçãos para minha vida à procura do que Deus realmente queria de mim. E a confirmação veio através de Is 43, 1: “E agora, eis o que diz o Senhor, aquele que te criou, Jacó e te formou Israel: nada temas, pois eu te resgato, eu te chamo pelo nome, és meu.”<sup>2</sup> Porém, neste retiro

o que mais me inquietava era em qual congregação religiosa eu deveria entrar, pois conhecia um pouco da história de várias. Para minha felicidade, durante o retiro, fui acompanhada por Irmã Isaura, da congregação de Santo André. Quando partilhei minha história e dúvidas, sua orientação foi determinante para a escolha da congregação em que eu entraria, a partir de uma forte experiência que vivi quando fui ao congresso Vocacional em Salvador. Quando Irmã Isaura me disse: Soledade “todas as congregações desenvolvem os mesmos trabalhos na Igreja, seja nas pastorais, obras sociais, educação, porém o que importa é o Cristo que queremos abraçar”. Ao ouvir isto, veio-me à lembrança do momento em que entrei pela primeira vez na Igreja do colégio das Sacramentinas em Salvador. *Era uma tarde ensolarada... Ao entrar na Igreja e olhar para o sacrário, senti como se um raio de luz viesse direto ao meu coração. Aquele fato me marcou e guardei em silêncio.* Ali estava a resposta que eu precisava.

Já não tinha mais tempo a perder, minha vida estava decidida, seria Sacramentina. Em 29 de maio de 1986, acompanhada por Irmã Consolata que foi buscar-me em casa, entrei no Dispensário Santana, em Feira de Santana – BA, para dar início ao processo de formação à vida religiosa na etapa de Aspirantado.

Uma das coisas que mais me encantou em Pierre Vigne, fundador das Congregação das Religiosas do Santíssimo Sacramento, foi seu amor e dedicação ao bom povo camponês como ele mesmo dizia em alguns de seus escritos. Senti-me identificada com seu jeito carinhoso de se referir aos moradores do campo.

Gratidão a Deus pelo dom da fé e pela graça da vocação. De um modo especial agradeço à Congregação das Religiosas do SS. Sacramento na pessoa da Madre Marie Marguerite Henri, Superiora Regional naquela época, pela acolhida carinhosa e fraterna.